

História da Educação Musical na Paraíba: Um estudo das práticas musicais na UFPB, Campus II.

Jeter Maurício da Silva Nascimento
Universidade Federal de Campina Grande
jetermauricio@gmail.com

Vladimir Alexandro Pereira Silva
Universidade Federal de Campina Grande
vladimirsilva@hotmail.com

Comunicação

Resumo: A criação do Núcleo de Extensão Cultural (NEC), no final da década de setenta, no Campus II da UFPB, contribuiu para dinamizar a vida artística e cultural de Campina Grande, que, desde àquela época, tem realizado eventos nacionais e internacionais como, por exemplo, os festivais de arte e música. Este artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla, que teve como objetivo analisar o contexto no qual o NEC foi criado, bem como o trabalho desenvolvido nos primeiros quatro anos (1978-1982). A meta é contribuir para a preservação e o resgate da memória e história da cidade, região e do país, colaborando para a compreensão da educação musical na época em questão e no momento atual. Esta investigação, na área da Nova História Cultural, é uma pesquisa de campo, com caráter exploratório-descritivo. Para a consecução dos objetivos do trabalho foram coletados documentos (fotos, vídeos, áudios, partituras, matérias de jornais, dentre outros) e realizadas entrevistas, que foram fundamentais para a compreensão das atividades do tema em estudo.

Palavras chave: História da Educação Musical na Paraíba. Núcleo de Extensão Cultural. UFPB.

Introdução

A criação do Núcleo de Extensão Cultural (NEC), no final da década de setenta, no Campus II da UFPB, contribuiu para dinamizar a vida artística e cultural do município de Campina Grande, que, desde àquela época, tem realizado eventos nacionais e internacionais como, por exemplo, os festivais de arte e música. Este artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla, que teve como objetivo analisar as práticas musicais na referida instituição, entre 1978-1982, época na qual o NEC teve importantes conjuntos, dentre os quais o Coral da UFPB, o Quinteto Armorial e o grupo Cordas e Sopros. A meta é contribuir para a preservação e o

resgate da memória e história da cidade, região e do país, colaborando para a compreensão da prática coral na época em questão e no momento atual.

A investigação, na área da Nova História Cultural, tem caráter exploratório-descritivo. Para a consecução dos objetivos do trabalho foram coletados documentos (fotos, vídeos, áudios, partituras, matérias de jornais, dentre outros) e realizadas entrevistas, que foram fundamentais para a compreensão das atividades do tema em estudo.

O trabalho foi dividido em quatro partes. Na primeira parte, discutiram-se os princípios da Nova História Cultural, bem como o papel da Memória e da História Oral, tendo como referência a obra de Burke (1992), Chartier (2009), Le Goff (1998), Thompson (2002), dentre outros. Na segunda, tratou-se da criação do Núcleo de Extensão Cultural da UFPB, Campus II, na transição entre os anos setenta e oitenta, tendo como base trabalhos variados, a exemplo de Jordão (2012), bem como depoimentos de indivíduos que fizeram parte do contexto, dentre os quais Silva (2013; 2014), Barbosa (2014), Eloy (2014), Zaugg (2014) e Baptista (2014). A terceira etapa descreveu o trabalho desenvolvido no Coral da UFPB, Campus II, Campina Grande, sob a direção de Nelson Mathias e Célia Bretanha, no período entre 1978 e 1982. A ênfase, nesta seção, recaiu sobre o processo de seleção dos cantores, o repertório, a metodologia do ensaio, bem como outros aspectos socioculturais. Nas considerações finais, comentou-se sobre a importância do trabalho de Nelson Mathias e Célia Bretanha na divulgação e consolidação da prática coral no contexto universitário paraibano.

O Núcleo de Extensão Cultural (NEC), na UFPB, Campus II

Percebe-se no Brasil, nas décadas de setenta e oitenta, uma expansão das atividades extensionistas e artístico-culturais, no contexto universitário.¹ Estudos realizados mostram que este direcionamento não foi fortuito nem fruto do acaso. Conforme observa Jordão (2012, p. 48), ele estava em sintonia com o contexto sócio-político-econômico da época e, devido ao agravamento da crise dos anos 70, houve uma busca por políticas operacionalmente mais

¹ Um sinal das discussões que estavam em andamento é a resolução 31/1978, do Conselho Superior de Pesquisa, Ensino e Extensão (CONSEPE), da UFPB, que dispõe sobre as atividades de extensão na UFPB. Documento disponível em <http://www.ufpb.br/sods/6989consepe.html> Último acesso em 10 de agosto de 2014.

eficazes, que de certa forma mantivessem a harmonia entre o governo militar e a população, especialmente a classe média e os intelectuais. Desta forma, as ações culturais foram usadas como instrumento para conquista e manutenção dos objetivos nacionais de segurança e desenvolvimento. Assim, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) lançou, em 1975, a Política Nacional de Cultura (PNC) com o objetivo de promover a institucionalização e reorganização da área cultural do país. As universidades, vistas pelo governo como o instrumento fundamental para a implementação e sucesso da PNC, pois são instituições de formação e produção intelectual, tiveram papel importante na implementação da Política Nacional de Cultura, motivo pelo qual estabeleceu-se

uma nova estratégia de aproximação que contemplava a contratação de professores demitidos por conta de divergências políticas, concessão de bolsas de estudo e pesquisa, incentivo a publicações, criação de núcleos de extensão, financiamento de projetos e pesquisas voltados para a cultura, criação de cursos para a profissionalização de produtores culturais e equipes técnicas, dentre outros (JORDÃO, 2012, p. 53).

É neste momento de investimentos e reordenação da política cultural nacional e universitária que o Reitor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque autoriza a criação, na UFPB, dos cursos de Licenciatura em Educação Artística (com habilitações em Música, Artes Plásticas, Teatro); do Bacharelado em Música; e de quatro Núcleos de Extensão e Pesquisa voltados para a arte e cultura: o Núcleo de Arte Contemporânea (NAC), o Núcleo de Teatro Universitário (NTU), o Núcleo de Produção e Pesquisa da Cultura Popular (NUPPO) e o Núcleo de Documentação Cinematográfica (NUDOC) (JORDÃO, 2012, p. 55). Além de terem sido criados em concordância com as diretrizes de política cultural vigente, estes Núcleos surgiram como forma de suprir a disparidade existente entre o avanço científico e tecnológico da UFPB e a sua área cultural² (JORDÃO, 2012, p. 45).

² Todos os Núcleos foram criados pelo Conselho Superior de Pesquisa, Ensino e Extensão (CONSEPE), da UFPB, por meio das seguintes resoluções: 06/1980 – Núcleo de Pesquisa e Documentação de Cultura Popular da Paraíba (NUPPO); 33/1980 – Núcleo de Arte Contemporânea (NAC); 03/1982 – Núcleo de Documentação Contemporânea (NUDOC); 04/1980 – Núcleo de Teatro Universitário (NTU). Documento disponível em <http://www.ufpb.br/sods/6989consepe.html> Último acesso em 10 de agosto de 2014.

A Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), criada em dezembro de 1975, teve papel relevante no surgimento dos Núcleos da UFPB, visto que a instituição se ocupava na “viabilização de projetos internos e projetos enviados por instituições de várias regiões brasileiras, tendo como objetivo fomentar a criação e a difusão nas vertentes artísticas sob sua responsabilidade” (JORDÃO, 2012, p. 80). A FUNARTE atendia aos objetivos políticos do governo, já que este pretendia alcançar outras regiões do Brasil, saindo do eixo Rio-São Paulo, alcançando as Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, consideradas áreas prioritárias pelo o MEC para a atuação da FUNARTE.

Para a criação do NAC, que foi instituído com a incumbência de executar atividades de promoção, divulgação, formação e produção em artes em João Pessoa e nos demais *Campi* da UFPB, foram convidados o crítico de arte Paulo Sérgio Duarte e o artista Antônio Dias – indicado por Paulo Sérgio Duarte. Eles eram respeitados no meio artístico brasileiro, tanto pelo trabalho realizado como pelo idealismo político. Um dos motivos era o fato de Paulo Sérgio ter sido preso duas vezes e também ter ido para o exílio político voluntário por oito anos, fora do Brasil (JORDÃO, 2012, p. 75).

Desde meados da década de 1970, Albuquerque lança mão da conjuntura política para atrair professores, intelectuais e pesquisadores para a UFPB, os quais em circunstâncias normais talvez não aceitassem, e na medida em que melhorava o ensino e pesquisa oferecidos pela Universidade projetava sua gestão nacionalmente. (JORDÃO, 2012, p. 76)

O Núcleo de Extensão Cultural da UFPB, Campus II, Campina Grande, também foi criado no mesmo período, em 1978. Atendendo às diretrizes da Reitoria, o professor Sebastião Guimarães Vieira, àquela época Pró-Reitor para Assuntos do Interior, convidou José Cláudio Baptista, professor da Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNE), para coordenar o trabalho de montagem da equipe que iria compor aquele Núcleo de Extensão Cultural.³

³ Observa-se que, nos documentos digitais do Conselho Superior de Pesquisa, Ensino e Extensão (CONSEPE), da UFPB, a Resolução que trata da criação do Núcleo de Extensão Cultural (NEC) é a 35/1991. Como o documento não está disponível para consulta, não se sabe, ao certo, se esta resolução trata da criação do NEC em Campina Grande ou em outra localidade. Como não existem outras resoluções sobre o mesmo tema, entre aquelas elencadas no período 1969-1989, pode-se deduzir que o NEC-Campus II iniciou suas atividades informalmente em 1978 e,

Conforme relata Silva (2014), o NEC foi criado com o objetivo de promover as artes cênicas, visuais e a música em Campina Grande, razão pela qual foram oferecidos cursos nessas áreas à comunidade. Professores e artistas de várias partes do país e da própria cidade, de diversas áreas artísticas, foram contratados para formar o corpo docente. Dentre estes pode-se citar os nomes de Roberto Coura (Fotografia), Antônio Barbosa Guimarães (Artes Plásticas), Hermano José e Eneida Agra Maracajá (Teatro).

O reitor da Universidade Federal da Paraíba, na época, era Lynaldo Cavalcanti. Ele começou a desenvolver, idealizar um núcleo dentro do Campus de Campina Grande que se devotaria ao estudo das artes. Este núcleo envolveria as artes cênicas, as artes visuais e a música. Então, quando ele instalou este núcleo, que foi o Núcleo de Extensão Cultural, que começou a funcionar em 1978, ele convidou artistas e professores de várias partes do país, colocando na equipe pessoas de Campina Grande que também atuavam na área. (SILVA, 2014)

Inicialmente, o NEC funcionava no prédio onde está localizado atualmente o Museu Histórico de Campina Grande. Depois, foi transferido para o Teatro Municipal Severino Cabral. José Cláudio Baptista respondeu pela direção do NEC apenas por um ano, sendo substituído, posteriormente, pelos professores Antônio José Madureira, Hermano José, Carlos Alan Peres da Silva, Fernando José Torres Barbosa, Eneida Agra Maracajá, dentre outros.

Eu trabalhava na Fundação Universidade Regional do Nordeste, quando Sebastião Vieira me convidou para trabalhar na Universidade Federal da Paraíba, Campus II, como professor colaborador, dedicação exclusiva. Eu ficaria responsável pelo núcleo de extensão que seria criado. E o que eu posso dizer, de início, é que esta ideia foi do professor Sebastião Guimarães Vieira. Foi ele que teve a iniciativa de criar um núcleo de extensão em Campina Grande (BAPTISTA, 2014).

Na área musical foram contratados dois grupos, cujos componentes passaram a integrar o quadro de professores: o Quarteto Telemann e Quinteto Armorial. O primeiro, dedicado à flauta doce, era dirigido pelo professor Romero Ricardo Damião de Araújo e

somente após treze anos de funcionamento, foi oficialmente regularizado por meio da referida Resolução. Documento disponível em <http://www.ufpb.br/sods/6989consepe.html> Último acesso em 10 de agosto de 2014.

dedicava-se, fundamentalmente, à interpretação de música antiga, estando sediado na FURNE. O Quarteto Telemann foi convidado para integrar o NEC como o objetivo de trabalhar a música brasileira para flauta doce. No entanto, com a chegada do violonista Edvaldo Eulálio Cabral, o grupo recebeu nova nomenclatura, passando a chamar-se Cordas e Sopros. Silva (2013, p. 17) relata que

houve uma mudança na linha de atuação deste grupo, à procura de rumos nos quais pudesse ser desenvolvido um trabalho artístico consistente, produtivo e coerente com a realidade artístico musical nordestina. O caminho encontrado tornou-se a característica principal do grupo. O Conjunto passa a tocar “Música Brasileira com a Flauta Doce”.

O repertório do grupo era composto por modinhas, choros, maxixes. Além de composições originais, o Cordas e Sopros também interpretava arranjos feitos especialmente para a formação em questão, isto é, quarteto de flautas e violão, assinados por Antônio José Madureira, José Euclides dos Santos, Fernando Antônio Machado Rangel e Eli-Eri Moura. Apresentando-se regularmente em eventos artísticos e culturais da região, o conjunto teve grande aceitação do público e da crítica, tendo participado da gravação do disco *Autores e Intérpretes*, produzido pela UFPB. O trabalho desenvolvido pelo grupo perdurou até o final da década de oitenta.

O Quinteto Armorial, por sua vez, era um grupo fundado por Ariano Suassuna e, como o próprio nome indica, estava diretamente ligado ao movimento que marcou a cultura brasileira e nordestina nos anos setenta. Conforme relata Barbosa,

o Quinteto Armorial era de Recife, da Universidade Federal de Pernambuco. E Lynaldo Cavalcanti nos convidou para vir, aqui, para Campina Grande para iniciar um departamento de artes. Sebastião Vieira era Pró-reitor do Interior. Ele fez o trabalho burocrático e prático da estrutura do departamento. Dávamos aula de música (BARBOSA, 2014).

Integravam o Quinteto Armorial àquela época os seguintes músicos: Fernando José Torres Barbosa (Flauta Transversal e Marimbau), Fernando Farias (Flauta Transversal), Antônio

Carlos Nóbrega de Almeida (Violino), Antônio José Madureira (Violão) e Edilson Eulálio Cabral (Violão). A proposta do grupo

consistia na execução e adaptação de peças medievais populares a partir da criação popular contemporânea do sertão, incluindo instrumentos populares, como rabeça, pífano, marimbau, viola caipira, violão, matraca etc., resultando na criação de um tipo de música popular-erudita com raízes renascentistas, concebidas a partir do sertanejo (MARCONDES, 1998, p. 654).

O Quinteto trabalhou no Núcleo de Extensão Cultural ministrando aulas, desenvolvendo pesquisas de repertório, bem como gravando LPs até 1980, quando encerrou suas atividades. A maior parte dos professores foi contratada no dia 1º de março de 1978. Silva (2014) descreve como ocorreu o processo:

Todos chegamos em 1978. A maioria dos contratos é de primeiro de março de 1978. Eu não sabia que iria ser contratado. Romero Damião me convidou e pediu para passar na Reitoria. Rapaz, quando eu li o contrato, que olhei o quanto eu iria ganhar, eu assinei e fui pra casa. O nosso contrato era de professor colaborador (SILVA, 2014).

Além dos membros do Quarteto Telemann e do Quinteto Armorial foram também contratados Ricardo César, Euclides dos Santos, Francisco de Assis Cunha Metri, Nelson Matias, Célia Bretanha, dentre outros.

O Coral da UFPB, grupo que desenvolveu intensa atividade entre os anos 1978 e 1982 sob a coordenação de Nelson Mathias e Célia Bretanha, apresentou-se em festivais e encontros de coros em várias regiões do Brasil, tendo sido bem recebido pela crítica e público. Integravam o coro professores e alunos da universidade, bem como pessoas da comunidade externa. O trabalho desenvolvido por eles foi um divisor na prática coral da época, na cidade, pois estes professores trouxeram em sua bagagem uma grande experiência educacional e musical, ensinando, de forma sistemática, o solfejo, a técnica vocal, a apreciação musical, aplicando exercícios de improvisação, expressão gestual e coordenação motora que tinham como finalidade desenvolver a musicalidade e a pró-atividade dos cantores.

Considerações finais

A criação do Núcleo de Extensão Cultural, na UFPB, Campus II, é um marco no perfil cultural da cidade, promovendo a valorização e profissionalização das áreas artísticas. A música produzida pelo Quinteto Armorial, Cordas e Sopros e Coral da UFPB, dentre outros conjuntos, favoreceu o contato da população local com uma ampla variedade de repertórios, incluindo a literatura instrumental e vocal regional e universal, tradicional e de vanguarda.

As atividades desenvolvidas incluíam também cursos de extensão em música, incluindo diversos instrumentos, matérias teóricas, como Harmonia e História da Música, bem como Composição, curso que era ofertado por meio da Oficina de Música. Estes cursos, oferecidos gratuitamente à população nas instalações do Departamento de Artes da UFPB, Campus II, foram responsáveis pela formação de um grande número de músicos da cidade. As contribuições de Nelson Mathias e Célia Bretanha, por exemplo, foram marcantes. Até hoje, o movimento coral em Campina Grande está, em certa medida, atrelado ao contexto universitário e a instituições artísticas e culturais. Os principais grupos que surgiram na UFPB depois de 1982, ano no qual deixaram a cidade, foram os seguintes: De Repente Canto (UFPB), coordenado por Fernando Rangel, e Coro em Canto (UFPB-UFCG), que teve como regentes Marisa Nóbrega, Luciênio Teixeira e atualmente é conduzido por Lemuel Guerra.⁴ Hoje, na Universidade Federal de Campina Grande, além do Coro em Canto estão em pleno funcionamento três corais: o Madrigal Ars Femina, dirigido pela professora Maria Luiza Mestrinho Sylvestre, o Coro Masculino da UFCG, sob a regência de João Valter Ferreira Filho, e o Coro de Câmara de Campina Grande, sob a regência do professor Vladimir A. P. Silva. Esses três grupos empenham-se em formar músicos para o meio artístico e educacional, funcionando, portanto, como coro-escola, auxiliando os estudantes dos cursos de Licenciatura e Bacharelado a desenvolverem suas habilidades.

⁴ Outros grupos surgiram na mesma época, em diferentes segmentos públicos e privados: FACMADRIGAL, ligado à Fundação Artístico-Cultural Manuel Bandeira e dirigido por Sérgio Telles; Coral Viva Voz, ligado ao Centro Cultural, que foi coordenado e regido por Vladimir Silva, assim como o Grupo Vocal Nós em Voz, que era independente. Coral do Carmo e Coral Canto da Gente (FURNE), coordenados por José Claudio Baptista. Além desses, merece destaque o Coral do Colégio Alfredo Dantas, sob a batuta de José Cavalcanti, o Coral da FACISA, sob a coordenação de Francisco Alexandre.

Referências

A. Bibliográficas

BURKE, Peter. *A História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

JORDÃO, Fabrícia Cabral de Lira. *O Núcleo de Arte Contemporânea da Universidade Federal da Paraíba 1978/1985*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais, com ênfase em História, Teoria e Crítica da Arte). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MARCONDES, Marcos Antônio (Org.). *Enciclopédia da Música Brasileira*. São Paulo: Art Editora, 1998.

THOMPSON, P. *História Oral e contemporaneidade*. Revista da Associação Brasileira de História Oral. N. 5. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, jun. de 2002.

B. Memoriais e Fontes Orais

BARBOSA, F. T. *Depoimento oral*. Entrevista concedida a XXX, mar. 2014.

BAPTISTA, J. C. *Depoimento oral*. Entrevista concedida aos pesquisadores XXX e XXX, mar. 2014.

SILVA, C. A. Peres. *Depoimento oral*. Entrevista concedida aos pesquisadores XXX e XXX, abr. 2014.

_____. *Grupo Cordas e Sopros*. Cadernos de Música da UFCG. Campina Grande: UFCG, 2013.